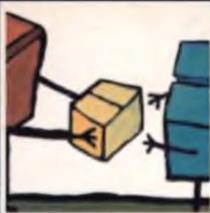


40  
ano  
UnB à frente



Lauro Morhy  
organizador geral

# Brasil em Questão

A Universidade e a  
Eleição Presidencial



EDITORA

UnB

Ao completar suas primeiras quatro décadas de existência, a Universidade de Brasília (UnB) apresenta à sociedade *Brasil em Questão: a Universidade e a Eleição Presidencial*, coletânea de artigos que pode ser definida como verdadeira imersão na realidade histórica, cultural, política e socioeconômica brasileira.

Esta obra é resultado dos debates desenvolvidos no âmbito do *Fórum Brasil em Questão*, rico e promissor diálogo orientado por um esforço de busca e superação de nossos desafios. Instalado em fevereiro de 2002, o *Fórum Brasil em Questão* trouxe, à UnB, durante cinco meses, 41 especialistas das mais diversas áreas para apresentarem e discutirem suas visões sobre temas estratégicos para o País

# **Brasil** **em Questão**

**A Universidade e a  
Eleição Presidencial**

*Fernando Henrique Cardoso*

Presidente da República

*Paulo Renato Souza*

Ministro da Educação

*Francisco César de Sá Barreto*

Secretário de Educação Superior

## FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

### Conselho Diretor

*Lauro Morhy* – Presidente

*Antônio C. de Matos Paiva*

*Carlos Alberto Rodrigues da Cunha*

*Carolina Martuscelli Bori*

*Flávio Rabelo Versiani*

*Inocência Mártires Coelho*

*Gileno Fernandes Marcelino*

*Jacques Rocha Velloso*

## UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Reitor: *Lauro Morhy*

Vice-Reitor: *Timothy Martin Mulholland*

Decano de Ensino de Graduação: *Michelangelo Giotto S. Trigueiro*

Decano de Pesquisa e Pós-Graduação: *Noraí Romeu Rocco*

Decana de Extensão: *Dóris Santos de Faria*

Decano de Administração e Finanças: *Érico Paulo Siegmar Weidle*

Decana de Assuntos Comunitários: *Thérèse Hofmann Gatti*

Laboratório de Estudos do Futuro: *Henrique de Sousa Novaes*

Assessoria de Assuntos Internacionais: *José Flávio Sombra Saraiva*

Assessoria de Comunicação: *Rodrigo Caetano*



# Brasil em Questão

## A Universidade e a Eleição Presidencial

Organizador Geral

**Lauro Morhy**

Co-organizadores

**Marcos Formiga**

**Regina Marques**

**Adler Andrade**

**Tânia Costa**

Universidade de Brasília

Laboratório de Estudos do Futuro/Gabinete do Reitor

Editora Universidade de Brasília

---

**2002**



## Agradecimentos

O trabalho coletivo é, sempre, resultado dos esforços de ponderável número de pessoas que se comprometem por acreditarem no objetivo final proposto. Somos gratos a todos que contribuíram para o êxito do Fórum *Brasil em Questão*.

Em especial, nosso reconhecimento aos palestrantes que ousaram apresentar e discutir questões inquietantes dos nossos dias, e propor caminhos para o Brasil.

Nominalmente, agradecemos ao grupo consultivo do Fórum: Adler Andrade, Amado Cervo, Antônio José Escobar Brussi, Benício Viero Schmidt, Cristovam Buarque, Dércio Munhoz, Dóris Faria, Érico Paulo Siegmair Weidle, Flávio Rabelo Versiani, Henrique de Sousa Novaes, Jacques Velloso, José Flávio Sombra Saraiva, José Geraldo de Sousa Júnior, Lúcia Mercedes de Avelar, Marcel Burstyn, Marcos Formiga, Michelângelo Giotto S. Trigueiro, Noraí Romeu Rocco, Pedro Tauil, Regina Marques, Rodrigo Caetano, Sophia Wainer, Tânia Costa, Thérèse Hofmann Gatti, Timothy Martin Mulholland, Vamireh Chacon, Viviane Coutinho Sabino.

Expressamos nossa gratidão aos colaboradores da Universidade de Brasília que ofereceram relevante apoio, sem o qual não teria sido possível a realização do Fórum *Brasil em Questão* e a publicação deste livro – especialmente Decanato de Ensino de Graduação; Decanato de Extensão; Decanato de Assuntos Comunitários; Departamento de Música/IDA; Cerimonial; Prefeitura do Câmpus; Assessoria de Comunicação; Assessoria de Assuntos Internacionais;

Centro de Informática; Núcleo de Multimídia e Internet do Departamento de Engenharia Elétrica, CPCE, Gabinete do Reitor, Editora da Universidade. Também agradecemos aos músicos que se apresentaram no início dos debates e à Escola do Futuro da USP.

**LAURO MORHY**  
**REITOR DA UNB**

## Sumário

### APRESENTAÇÃO

Lauro Morhy 11

### ABERTURA DO FÓRUM

Lauro Morhy 15

### 29 de fevereiro BRASILIDADE

Roberto Freire 21

Artur da Távola 31

Aspásia Camargo 37

Vamireh Chacon 47

### 16 de março BRASIL NO MUNDO

Samuel Pinheiro Guimarães 53

Oliveiros Ferreira 63

Amado Cervo 75

### 20 de março POLÍTICAS DE DISTRIBUIÇÃO DE RENDA

Márcio Pochman 85

André Urani 97

Cristovam Buarque 107

3 de abril A INFRA-ESTRUTURA NACIONAL

Yeda Crusius 119

Luiz Pinguelli Rosa 129

Décio Munhoz 139

10 de abril SAÚDE E SANEAMENTO BÁSICO

Sergio Arouca 155

Marcos Helano Montenegro 167

Sebastião Viana 177

Pedro Tauil 185

17 de abril EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Roberto Vermulm 197

Sergio Rezende 207

João Batista de Oliveira 217

Lauro Morhy 231

24 de abril CIDADANIA, EXCLUSÃO SOCIAL  
E VIOLÊNCIA

Guilherme de Almeida 239

Sueli Carneiro 245

Luiz Mott 253

Dóris Faria 261

5 de junho	A DIVERSIDADE REGIONAL BRASILEIRA	
	Armando Mendes	275
	Maria Adélia de Souza	283
	Eduardo Suplicy	295
	Cristina Mac Dowell	307
	Marcos Formiga	321
19 de junho	MEIO AMBIENTE, DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL, AMAZÔNIA	
	Washington Novaes	351
	Marina Silva	361
	Edna Ramos Castro	371
	Marcel Burstyn	379
3 de julho	REFORMAS ESTRUTURAIS PARA O PAÍS	
	Ricardo Varsano	391
	Wilson Cano	405
	Vinícius Carvalho Pinheiro	433
	José Geraldo	447
17 de julho	A UNIVERSIDADE BRASILEIRA	
	Helgio Trindade	459
	Edson Franco	475
	Jacques Velloso	485
	Lauro Morhy	499



**Meio ambiente,  
desenvolvimento  
sustentável,  
Amazônia**

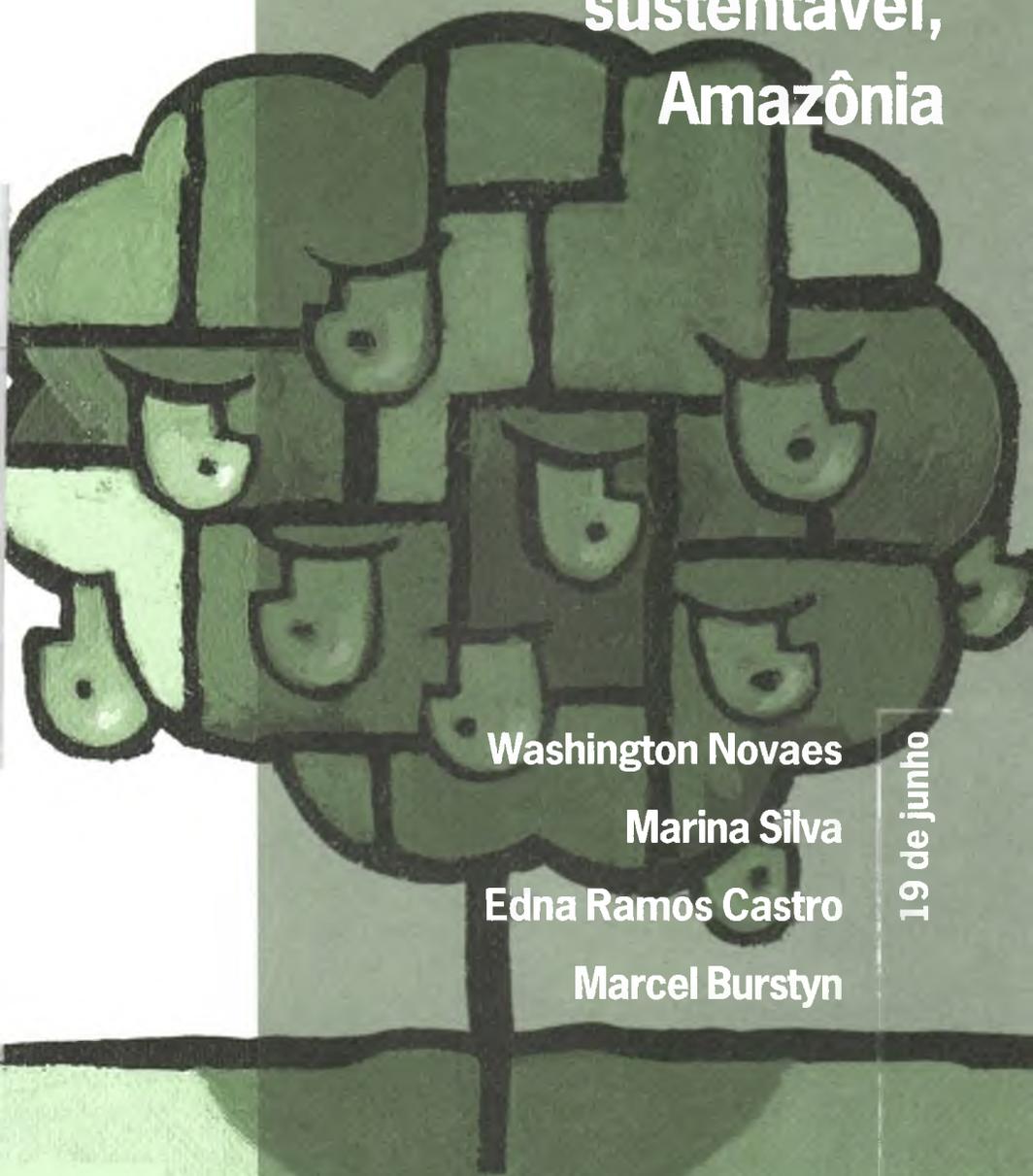
**Washington Novaes**

**Marina Silva**

**Edna Ramos Castro**

**Marcel Burstyn**

**19 de junho**





# Amazônia, Sustentabilidade e Ética

**Marina Silva**

É louvável a iniciativa da UnB ao promover este debate. Creio que a presença dos candidatos à Presidência da República na Universidade será muito importante, pois a velocidade da política no cotidiano – a disputa, os compromissos – contribui para impedir que ela assuma a sua total dimensão. Talvez a discussão na Academia seja uma forma de resguardar uma certa atemporalidade, até para que se possam estabelecer, historicamente, os compromissos mais profundos com relação à sociedade.

Não tenho uma elaboração acadêmica sobre o tema do desenvolvimento sustentável da Amazônia, mas, sim, uma experiência vivencial, fruto da luta de muitos anos do movimento de resistência dos seringueiros, do movimento indígena do Estado do Acre, do aprendizado ao lado do Chico Mendes e, depois, como vereadora e deputada estadual. Hoje, o mandato de senadora está na dimensão de uma atuação conjunta representada em mandatos legislativos, nos governos dos estados do Acre e do Amapá, na prefeitura em Belém. São focos que considero como o

---

**Marina Silva** é Senadora da República pelo PT-AC. Integra a Comissão de Assuntos Sociais e a Comissão de Educação do Senado Federal. Ex-Deputada Estadual e Ex-Vereadora pelo município de Rio Branco Bacharel em História pela Universidade Federal do Acre em 1985.

início de um pólo de sustentação política das idéias sobre sustentabilidade que começam a ser praticadas na escala institucional do poder público local na Amazônia.

Não tenho a pretensão de fazer uma reflexão neutra. Ela é plasmada nos meus pontos de vista, nos meus interesses, tanto ideológico como político, de alguém que nasceu e viveu na Amazônia, criando-se politicamente dentro da ação marcante de um movimento popular.

Pensar no desenvolvimento da Amazônia é pensar naquilo que na década de 80 foi colocado para a humanidade como o desafio da sustentabilidade. É um dos desafios mais instigantes que podemos nos colocar. Se pudéssemos imaginar tudo o que já foi feito dentro da visão linear e antropocêntrica da relação que estabelecemos com a natureza – nossos projetos desenvolvimentistas, a quantidade de problemas criados para a humanidade e para o planeta com o desaparecimento de espécies, com a poluição do ar e das águas – e se parássemos por alguns instantes e nos déssemos conta de que existe um lugar no planeta em que o devir da história ainda pode ser uma realidade diferente do padrão estabelecido até aqui; e que este espaço não é ficção, é real, existe ainda como possibilidades em disputa; onde se tem a maior diversidade de espécies vivas do planeta, a maior reserva de água doce, a maior floresta tropical, a maior diversidade cultural, a maior sociobiodiversidade do planeta, esse é um desafio apaixonante e muito forte.

Quando nos deparamos com este espaço – a Amazônia –, do qual o Brasil é o maior detentor, temos que levar em conta que este desafio não pode ser percebido apenas como dos amazônidas. É responsabilidade dos 170 milhões de brasileiros e é responsabilidade também da humanidade, diante de situações tão desafiadoras que enfrenta, de riscos de catástrofes ambientais

globais. Quando vemos a série de equívocos que vêm sendo cometidos na trajetória humana na relação com o ambiente natural, dando-se ao direito de querer estabelecer uma relação unilateral de poder, como se fosse possível afetar sem ser afetado, podemos alimentar o sonho de contribuir para fazer diferente.

Por outro lado, o que acontece na Amazônia também é produto da responsabilidade imediata dos brasileiros. Não se pode querer fugir a ela diluindo na problemática da humanidade a forma como a tratamos. Em primeiro lugar, a Amazônia brasileira não é objeto de políticas que a vejam como espaço estratégico no desenvolvimento social, cultural e político do país.

Três grandes equívocos ainda permeiam a compreensão da região pelos brasileiros e a ação do poder nacional: a de que é um vazio demográfico; a de que é uma floresta homogênea; a de que é uma região atrasada, não portadora de saber relevante. Daí a idéia de que a Amazônia é desprovida de competência própria para se desenvolver de acordo com uma vocação própria, sendo necessários grandes investimentos para lá implantar o padrão de desenvolvimento vigente. Isso levou aos grandes projetos que, a partir da década de 70, têm grande visibilidade, e vão desde a infra-estrutura – com a construção de estradas – até a exploração dos recursos naturais, especialmente na mineração, com custo muito alto, seja do ponto de vista econômico, seja do social e ambiental.

A ocupação inicial da Amazônia se deu em torno de apenas dois produtos da sua biodiversidade. Durante quase um século a região se viabiliza a partir da seringa e da castanha. Mesmo sem facilidades de comunicação e com meios de transporte precários, a empresa extrativista funcionava já até de forma globalizada, se o conceito existisse naquela época, negociando diretamente com a Europa.

Se com todas as adversidades foi possível estabelecer, a partir de duas espécies vegetais, a economia de uma região, o que não poderíamos fazer hoje, com toda a tecnologia disponível e com o conhecimento de maior variedade de espécies? Durante aquele período, a empresa extrativista funcionava com base nos seringais, com unidades de produção – as colocações de seringa –, cada qual com cerca de 100 a 200 trabalhadores. A partir da década de 70 este projeto entra em falência no Acre e tenta-se introduzir a pecuária, que passa a utilizar os mesmos espaços, não mais com 200 pessoas, mas, com cinco ou seis peões.

O resultado é que a cidade de Rio Branco, capital do Acre, tem hoje 53% da população do estado, Manaus tem mais de 70% da população do estado e esta é uma realidade comum a todos os estados da Amazônia: um grande número de pessoas que antes tinham uma ocupação na floresta e ali produziam a sua existência cultural, espiritual e material, passa a viver nas cidades numa situação de subemprego e abandono, do ponto de vista de políticas públicas.

Nos grandes projetos não há incorporação da sociedade. Ao contrário, geram uma gama de injustiças e problemas sociais. Continua a concentração de riqueza na mão de meia dúzia que não investe na própria região, além de ver na Amazônia apenas a última fronteira agrícola, o lugar onde despejar os problemas de reforma agrária e demandas sociais não resolvidas no Sul e Centro-Sul do país. Os projetos estabelecidos de mineração, pecuária e madeira passam a ser tão grandes que a população não os alcança; fica em torno deles, empobrecida, excluída e, como tal, presa fácil para contribuir com mais degradação ambiental.

Há um momento específico em que se estabelece a resistência local a esses grandes projetos, por parte dos índios e seringueiros. Chico Mendes retrata a simbologia dessa luta. E é

bom que se lembre que o primeiro encontro dos seringueiros para a criação do Conselho Nacional de Seringueiros, em 85, foi sediado na UnB. O apoio que Chico Mendes encontrou para a realização do encontro foi da Universidade de Brasília, ele que era marginalizado nos espaços da Amazônia, sobretudo com a crítica feroz vinda de governos muitos fortes e poderosos da região. Na UnB se criou o Conselho e se estabeleceu uma aliança, chamada de Aliança dos Povos da Floresta, uma resistência local, especialmente da comunidade seringueira, que estabeleceu parcerias em muitos níveis: com as ONG internacionais, sobretudo as americanas; com acadêmicos e pesquisadores, como a professora e antropóloga Mary Allegretti, do Paraná; com Fernando Gabeira e outros militantes ambientalistas brasileiros; com pessoas da Imprensa, que deram visibilidade às idéias e às denúncias de Chico Mendes.

O movimento de resistência conta com a solidariedade de determinados segmentos da sociedade na sua origem e, independentemente de nossa vontade, passa pelo viés da vitimização, ou seja, o conflito era com algo tão devastador e grandiosos que a oposição ao agressor implicava quase necessariamente assumir o papel de vítima. Tanto é que tivemos nesse movimento de resistência o assassinato de Wilson Pinheiro, Ivair Higino, de Jonas, do próprio Chico Mendes e outros companheiros, e tudo o que acontecia levava as pessoas a nos verem como aqueles que estavam numa luta inglória.

Após todos esses anos, desde a morte de Chico Mendes em 88, mudou o agir político em relação à Amazônia. Antes era moda confrontar a história do Chico Mendes com a distribuição de motosserras aos caboclos. Hoje, os mesmos que faziam isso, propagam suas ações de preservação ambiental. Com alegria, li recentemente numa revista de bordo que o Amazonas é estado

com maior preservação ambiental, com apenas 4% de área degradada, uma espécie de cartão postal do ambientalismo na Amazônia. Isso me lembrou quando, em 86, fizemos o famoso empate da fazenda Bordon. O Chico Mendes foi completamente acuado não só pelos fazendeiros e madeireiros do Acre, mas por uma pressão política muito forte de governos da região, de pessoas com algum poder, que tentavam desmoralizá-lo em todos os aspectos. Após 14 anos de sua morte temos a sua vitória no discurso daqueles que antes advogavam o desenvolvimento na Amazônia em detrimento do desenvolvimento da Amazônia, que defendiam, com os grandes projetos, o equívoco do vazio demográfico, da floresta homogênea, e desprezavam os saberes e a cultura amazônicos.

A resistência aqui descrita pauta a Amazônia a partir de si mesma e vê com outro olhar, sem nenhum preconceito, aqueles que ajudam a percebê-la de fora para dentro – brasileiros ou de outros países –, com o olhar comprometido com a sustentabilidade, da Amazônia e do planeta, e com a construção dessa alternativa.

Se tivermos o propósito ético de desenvolvermos a Amazônia mediante critérios de sustentabilidade, com certeza acharemos a respostas técnicas. O grande desafio colocado a todos nós, homens e mulheres, amazônidas ou não, brasileiros ou não, à população brasileira e à humanidade, é, nesse lugar onde o fazer histórico ainda pode ser feito de outra maneira, empreendermos todos os nossos esforços para isso.

No Acre temos a experiência, com o governador Jorge Viana, de assumir o modelo de desenvolvimento sustentável como política de governo, a partir da herança do movimento de resistência dos seringueiros, ribeirinhos e dos índios, fazendo a união de seus saberes milenares com o que há de mais avançado em

conhecimento científico de nossa cultura ocidental branca. Temos trabalhado a idéia de que a sustentabilidade, para acontecer na Amazônia, não pode ser apenas uma espécie de panacéia do que seria um modelo efetivo de desenvolvimento sustentável. Para haver sustentabilidade, é preciso aceitar o desafio ético de efetivá-la tanto do ponto de vista econômico – pois, afinal, existem na região mais de 12 milhões de pessoas que precisam se viabilizar economicamente –, do ponto de vista ambiental, por todas as razões que conhecemos; do ponto de vista cultural, que é fundamental, pois a Amazônia é o que é em função da sua diversidade cultural e aqui quero registrar um avanço em nosso país. O último Censo do IBGE informa que a população indígena passou de 300 mil para 700 mil habitantes. E isso não significa apenas um crescimento vegetativo dessa população, mas, também, que um número maior de pessoas está se assumindo como índios, negros. Certamente a Amazônia tem contribuído para isso, criando uma auto-estima amazônida, valorizando um pensar a partir de si mesma e de sua cultura, até mesmo criando novos produtos políticos e formas de articulação social.

Há outro grande elemento desse desafio de um desenvolvimento alternativo, que é a sustentabilidade política. Se não formos capazes de criá-la, todo nosso esforço será em vão. Não se chega a um desenvolvimento sustentável, para a Amazônia, o Brasil ou o planeta, com uma política insustentável.

A política é, assim, um componente essencial do processo que envolve também a sustentabilidade econômica, social, cultural e ambiental, dentro de um novo alinhamento ético.

O que pensamos sobre o futuro da Humanidade? Há um pensador que diz que o século XXI será humanista, feminista, espiritualista, ou não será. Todos esses valores devem fazer parte de nosso alinhamento ético, no sentido de criar uma nova forma

de nos relacionarmos com a Natureza, entre nós mesmos e para estabelecermos outros objetivos para o insaciável ego humano.

A Amazônia tem dado uma contribuição para isso. Primeiro, porque foi capaz de, mesmo em situação muito adversa, criar uma identidade e elevar sua auto-estima, contrariando a percepção generalizada de ser uma região atrasada e vazia dentro de um país desenvolvido.

Só que esta relação com o país chega agora também a uma fase de esgotamento, pois não dá para continuar sendo as “vítimas” do progresso, aqueles que foram assassinados, vilipendiados. Também não dá para continuar com uma relação narcisista com o restante do país e do mundo. Temos que colocar em várias dimensões aquilo de que somos capazes de produzir do ponto de vista deste novo ethos social cultural e político na Amazônia.

Em muitos aspectos essas dimensões múltiplas já existem, de forma pulverizada, dentro de várias experiências de comunidades, de governos locais, estaduais ou federal, que precisam ganhar escala para a realização do desafio da sustentabilidade na Amazônia, um desafio dos 170 milhões de brasileiros e também de toda a humanidade. Ali se pode encontrar informações já destruídas em boa parte do planeta, e decodificá-las não apenas do ponto de vista técnico, mas, também, naquilo que a Natureza é capaz de nos ensinar do ponto de vista das relações sociais, espirituais e éticas.

## QUESTÕES AOS CANDIDATOS À PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

- 1) Sucessivos governos brasileiros têm apresentado propostas de integração da Amazônia ao desenvolvimento nacional. A maioria delas resultou em fracasso ou sequer foi aplicada



qualquer política, vendo-se a região apenas como reserva de fronteira econômica:

- Qual sua posição a respeito da questão da integração estratégica da Amazônia?
  - Quais os principais equívocos das políticas já adotadas?
  - Qual a diferença que sua proposta fará para a região?
- 2) Qual será o tratamento dado ao uso da biodiversidade brasileira?
- 3) Como vê a polêmica da internacionalização da Amazônia: risco de fato ou mito? Por quê?



*Impressão e Acabamento:*



SIA TRECHO 3 LOTE N° 1760

Fone: (0xx61) 362-0008 / Fax: (61) 362-7476

e-mail: [quick@gns.com.br](mailto:quick@gns.com.br)

contemporâneo.

As discussões ali realizadas certamente não esgotaram a complexidade dos temas. Contudo, como lembra o reitor Lauro Morhy, *Brasil em Questão* “é um meio e, não, um fim. É um bom começo para despertar outras consciências, mentes e corações, pensando e pulsando Brasil”. É desse debate que o leitor é convidado a participar.

Com a publicação, em 2002, de *Brasil em Questão: a Universidade e a Eleição Presidencial*, a UnB cumpre, mais uma vez, seu compromisso histórico de contribuir para a reflexão sobre as alternativas e projetos para o nosso País.

**BRASILIDADE** • Roberto Freire • Artur da Távola • Aspásia Camargo • Vamireh Chacon • **BRASIL NO MUNDO** • Samuel Pinheiro Guimarães • Oliveiros Ferreira • Amado Cervo • **POLÍTICAS DE DISTRIBUIÇÃO DE RENDA** • Márcio Pochman • André Urani • Cristovam Buarque • **A INFRA-ESTRUTURA NACIONAL** • Yeda Crusius • Luiz Pinguelli Rosa • Dércio Munhoz • **SAÚDE E SANEAMENTO BÁSICO** • Sergio Arouca • Marcos Helano Montenegro • Sebastião Viana • Pedro Tauil • **EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA** • Roberto Vermulm • Sergio Rezende • João Batista de Oliveira • Lauro Morhy • **CIDADANIA, EXCLUSÃO SOCIAL E VIOLÊNCIA** • Guilherme de Almeida • Sueli Carneiro • Luiz Mott • Dóris Faria • **A DIVERSIDADE REGIONAL BRASILEIRA** • Armando Mendes • Maria Adélia de Souza • Eduardo Suplicy • Cristina Mac Dowell • Marcos Formiga • **MEIO AMBIENTE, DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL, AMAZÔNIA** • Washington Novaes • Marina Silva • Edna Ramos Castro • Marcel Burstyn • **REFORMAS ESTRUTURAIS PARA O PAÍS** • Ricardo Varsano • Wilson Cano • Vinícius Carvalho Pinheiro • José Geraldo de Sousa Júnior • **A UNIVERSIDADE BRASILEIRA** • Helgio Trindade • Édson Franco • Jacques Velloso • Lauro Morhy